desleituras
Número 1
Mar./abr. 2022

JOHN KEATING EM TEMPOS DE AULAS REMOTAS

Roberto D´arte

O ano de 2020 entrará para a história por revelar a fragilidade humana diante de uma ameaça invisível. O novo coronavírus mudou radicalmente os hábitos de bilhões de pessoas e as colocou em xeque num complexo jogo de xadrez.

Nesse tabuleiro, centenas de milhões de estudantes ao redor do mundo estão tendo que vivenciar o difícil processo de aprendizagem escolar de forma remota, contando com o aparato tecnológico que tanto os fascina, mas não com essa finalidade. Milhões de professores também se viram, do dia para a noite, na condição de mestres cibernéticos, muitos deles sem qualquer preparo, amparo e empatia da sociedade. Pelo menos tem sido assim no Brasil.

Diante do gigantesco desafio de preparar aulas e de tentar ministrá-las diante de câmeras de celulares, tabletes e notebooks instalados em cenários improvisados de seus lares, alguns professores ainda buscam diferenciais pautados no acolhimento, entendimento e incentivo de seus pupilos através das redes sociais da internet, inclusive aquelas que antes da pandemia eram usadas exclusivamente

em suas vidas privadas. Pensando nesses abnegados professores me veio à memória um filme que marcou época por justamente trazer a história de um desses mestres que serão lembrados por seus alunos por toda a vida.

Quando assisti pela primeira vez a "Sociedade dos Poetas Mortos", em 1989 (ano de lançamento no cinema), a história protagonizada pelo saudoso Robin Williams me comoveu profundamente. Naquela época eu caminhava rumo aos meus 20 anos, quando a vida ainda parece uma areia movediça e o futuro, uma eternidade. Eu ainda estava na Faculdade de Filosofia da UFBA, em Salvador, preparando-me para ser professor.

Tive a oportunidade de assistir ao filme pelo menos outras dez vezes (algumas delas como atividade acadêmica, na condição de professor de Filosofia), sempre sensibilizado pela atualidade do tema. Para quem nunca o viu, a história se passa em 1959, numa escola bastante tradicional e conservadora, frequentada exclusivamente por rapazes. John Keating (Robin Williams), professor de Literatura, é o que se pode cha-

Cena do filme "Sociedade dos Poetas Mortos" (1989 - divulgação)



mar de educador no sentido mais amplo da palavra.

Questionado dentro da própria escola pelos seus métodos pouco ortodoxos de ensino, Keating leva seus alunos a entenderem que amadurecer é bem mais abrangente do que meramente acumular conhecimentos. Seu lema está diretamente ligado ao “carpe diem”, expressão em latim que significa “aproveite o dia”.

A ênfase ao *carpe diem* é atribuída ao poeta e pensador romano Horácio (65 - 8 a.C.), que enfatizava sobre a transitoriedade da vida, como séculos antes já fazia o filósofo Heráclito (540 - 470 a.C.). Ambos ressaltavam que aproveitar o presente é tudo que é dado ao ser humano usufruir.

Tantas vezes ocupamos nossos pensamentos com o que ficou para trás ou com o que sequer aconteceu. Tantas vezes vivemos suspensos no tempo com a sensação de não caber em época alguma, muito menos num momento tão difícil como este. Algo como uma ação adiada para depois, uma manifestação de sentimentos ou de desejos anotados na agenda para o mês que vem, para daqui a um ano.

O futuro só existe enquanto projeto. Ter projetos é olhar adiante, e isso é ótimo, principalmente quando nossas vidas são bruscamente interrompidas por um vírus mortal. No entanto, ter projetos deve ser uma atitude do presente, algo vivenciado já, realizado como um complemento às demais atividades cotidianas. Do contrário, os projetos caem no vazio como a maioria das promessas feitas na noite de Ano Novo.

O professor Keating da ficção despertou seus alunos não apenas para o *carpe diem,* mas também para a constru-

ção de projetos de vida duradouros. Ensinou dentro e fora da sala de aula de que estes projetos não podem ser a realização dos sonhos dos pais, dos sonhos de quem quer que seja, por mais que sejam pessoas amadas e respeitadas.

Os tempos de pandemia, de isolamento e de desesperança também são tempos de aproveitar o dia e de construir projetos. Como professor, ainda que debruçado nas tarefas enfadonhas e na preparação de aulas remotas, tento ser um pouco John Keating para meus alunos e gosto de acreditar que outros colegas, também.